



# Gaiato

30 DE JULHO DE 1966  
ANO XXIII — N.º 584 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES. PELOS RAPAZES



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAR  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



AQUI BENGUELA. EIS UM LINDO ASPECTO DA CASA MÃE EM PLENO ACABAMENTO.

## Cantinho dos Rapazes

É um belo trecho de uma carta de um dos nossos em Angola que mo sugere. Ei-lo:

«Há dias, em 17 deste mês, tivemos feriado. Fui ver a obra; andei por lá quase três horas. Meditei... e encontrei o verdadeiro sentido do seu desenvolvimento. É que a obra mostra-nos o quanto somos queridos do bom Povo deste Litoral. E nós temos que merecer este bem, esta força de vontade pela parte dos benfeitores que se não cansam de ajudar.

É lindo ver uma aldeia nascer! É mais lindo é vê-la crescer!»

Anda nestas linhas uma sensibilidade de poeta — que a tem, autêntica, este nosso moço. Mas elas denunciam um fruto de espírito que amadurece. Este o men ponto de admiração e de regozijo.

«Os homens não se medem aos palmos» — diz-se. Tampouco é a idade, só por si, que gera uma mentalidade adulta.

Um homem distingue-se de uma criança, porque pensa, porque medita... até «encontrar o verdadeiro sentido» do mundo que o rodeia, dos acontecimentos que tecem o dia-a-dia. E quando encontra esse «sentido verdadeiro», determina-se, dá um rumo à sua vida, de tal modo que também ela tenha sentido, não seja mera sucessão de dias vividos ao acaso, mas uma trajetória contínua que conduz algures onde se quer chegar.

Que feliz ocupação de um feriado fez este nosso filho! Foram três horas cheias — diria Pai Américo, que gostava tanto deste adjectivo! Três horas a ver para fora e a ver para dentro — espécie esta de visão que poucos têm e raros cultivam. «Fui ver... e meditei...» e acabou por encontrar o fundamento daquele lindo crescer: «o quanto somos queridos do bom Povo deste Litoral».

É o amor que fecunda; mais nada. Não se fala aqui em dinheiro, em outros valores, de que, com certeza, é feita a aldeia que vai subindo. Estes valores não teriam a eficácia que estão

tendo; muito menos o sabor que permitem aos que os vêem com olhos de ver para dentro — senão fosse o amor que lhes dá forma, que lhes dá vida: «o quanto somos queridos...»

Aqui termina o encontro do «verdadeiro sentido» do que seus olhos viram durante aquelas três horas por lá. Agora o segundo tempo da meditação: determinarmo-nos, darmos sentido à nossa própria acção em harmonia com o ambiente que nos envolve: «Nós temos que merecer este bem».

Sim, temos de o merecer. Como? Amando. «Amor com

CONTINUA NA PÁGINA TRES

vemos quanto podemos o «quando Deus quer, até das pedras saiem filhos de Abraão».

Na homilia, falou-nos o Sr. Padre Carlos. Disse da união do Sangue de Cristo com o nosso. Do nosso sofrimento-amor pelos outros. O valor que cada um de nós tem que ser junto dos outros: resgatarmo-nos com Cristo, resgatando e amando os outros. Cristo Vivo! Cada um dos nossos irmãos — são todos os que vimos à nossa frente — mesmo aqueles que nos julgam

CONTINUA NA PÁGINA TRES

## Areias do Cavaco

O obreiro do Evangelho é um revolucionário. Apoiado na Palavra de Deus, torna-se gigante. Realiza o impossível. Porque acredita, não vacila e o milagre aparece. Porque é dócil não tem descanso. A Palavra de Deus urge.

A revolução do obreiro do Evangelho é diferente do comum das revoluções dos homens. É no mais íntimo do ser humano que ela se opera. É por dentro. E quando aceite é portadora de paz.

— Porque não há paz entre os homens? — Porque ela não existe dentro deles. Porque os homens não são gratos. Porque a Justiça, a coluna mais sólida da paz, não entra no ser e no agir dos homens. Bem aventurados são aqueles que têm fome e sede da Justiça e a buscam primeiro que tudo.

Há dias, conversando com pessoa de muita responsabilidade, ouvi de seus lábios que nunca vira tantos garotos abandonados na sua zona de trabalho, como agora. E a legião destes filhos tende a engrossar. Clamam. Ou lhes damos ouvidos a tempo e horas; ou a força imanente da Justiça nos esmagará.

.....

**FESTAS:** Não sei por onde começar a falar delas. Todos os cantos da Casa me falam das Festas. Senão vede: Entro no meu quarto de dormir, à noite, para descansar — e dou com os das violas a ensaiar lá dentro. Logo a seguir vou ao dormitório dos mais velhos e «Passarinho» mais «Casaca» treinam os seus diálogos. Na volta passo pelo refeitório e vejo-o transformado em sala de ensaios a ponto de termos de comer ao ar livre, debaixo das mandioqueiras. Na sala

Continua na segunda página

Aniversário — Dia do Preciosíssimo Sangue.

Nós somos uma obra da Igreja. A nossa bandeira é Cristo nos outros. Procurar a vivência do Evangelho é esforço da nossa pequenez.

A nossa Casa faz hoje 11 anos. Neste tempo têm vindo rapazes que eram estorvo da Sociedade, lixo de algumas portas onde o Senhor continua morto no sepulcro, sem coração nem sangue, sem amor, sem doação. O Senhor tem derramado sobre a nossa Casa muito amor. Nós somos testemunhas da Sua presença nesta Casa, que por vezes luto com tantas dificuldades. Uma família de 140 almas!.. Um Padre, três Senhoras e pouco mais, têm sido a ferramenta com que o Senhor se serve para moldar, para tornar útil o lixo que a Sociedade constrói e lança para as rútreiras. Nós chamá-mos-lhe assim, por via do mal que se respira nos lugares de onde viemos.

Tantas vezes sofremos em silêncio, e colhemos depois uma alegria que nos deixa abismados perante a grandeza do amor de Deus por nós.

Tivemos festa. Começámos com a celebração da nossa Missa. No Ofertório pusemos tudo o que temos e o que somos; o que fizemos e o que devíamos fazer e



não fizemos. Alegrias, tristezas, vitórias, fracassos—tudo pusemos na patena. Sentimo-nos fortes. Vi-

CONTINUA NA PÁGINA TRES

CONTINUA NA PÁGINA TRES

CONTINUA NA PÁGINA TRES



CASA DO GAIATO DE MALANJE. «A CAPELA É O CENTRO». COMEÇA AGORA A CRESCER E AINDA NÃO ESCONDE AS ESCOLAS, LÁ AO FUNDO.

# TRIBUNA de Coimbra

Celebrámos o aniversário de Pai Américo (e também o dos Padres da Rua) em ambiente de festa, de honra e acção de graças. Nós acreditamos na Comunhão dos Santos.

Como temos parte da família acampada na Praia de Mira foi lá que nos juntámos. Os Oliveiras de Águeda levaram-nos e trouxeram-nos generosamente, como é seu costume. Não foi uma excursão, mas sim uma peregrinação ao encontro dos irmãos.

O acto principal do dia foi à volta do Altar. Todos cantámos e celebrámos a missa. Na altura própria, o chefe da família, que foi o presidente daquela assembleia cristã, tomou a palavra, começando por ler uma mensagem chegada hoje de um dos filhos ao serviço militar em Angola:

«Faz o décimo aniversário do nosso falecido querido Pai Américo. Como não podia deixar de ser aqui estou bem longe, mas os pensamentos são os mesmos que os meus irmãos gaiatos têm.

Cá longe das pessoas que me são mais queridas não posso esquecer que faz dez anos que o santo Pai Américo subiu ao Céu e ele saberá guiar as nossas casas e os nossos rapazes.

Cumprimentos para todos os irmãos gaiatos, especialmente para os batatinhas».

O Zeca deu o tom. Toda a minha palavra foi à volta do tom do Zeca. Para os que têm

fé, a morte é o começo da vida. Pai Américo tem estado bem vivo e bem presente na vida de todas as nossas casas. Com os nossos olhos nos seus não há dificuldades que se não vençam.

Todos quiseram comer do Banquete. Os cânticos finais foram hinos triunfais ao Senhor e à Sua e nossa Mãe.

Seguiu-se o almoço no acampamento. Foi com tanto entusiasmo como a Refeição do altar.

A tarde foi livre. Cada um escolheu companhia, lugar e divertimento. Antes de jantar reunimo-nos naquela nossa casa ao ar livre para a oração familiar: a recitação do terço.

O jantar foi como almoço. No fim, Orisanto como filho mais velho ali presente, dirigiu a palavra. Focou dois aspectos na vida e doutrina de Pai Américo: o amor ao trabalho e o amor a Deus. Contou que há muitos anos, um dia à noite, Pai Américo numa das suas práticas que fazia quando passava, lhe havia pedido as mãos: **Deixa-me ver. Tens calos. Está certo.**

Os que não ficaram no acampamento regressaram a Casa e ao Lar com a alma em festa, como fora todo o dia. Um dos chefes segredava-me: nunca julguei que o dia fosse assim. Foi a nossa melhor Missa. Foi formidável.

Graças a Deus.

Padre Horácio

Começámos esta visita pelas escadas do Barredo. Ia o Cebo-linha comigo, já companheiro doutras vezes.

A Senhora Maria Nôcia, vivem muito bem e ocupou com os seus um andar todo. Hoje é ao subir a escada, o cubículo mais pequeno que ali há. A profusão de imagens e papéis coloridos, dão um aspecto de irrealidade ao ambiente. A magreza das feições impressiona quando nos fala. O seu lamento, porém, é já não ter «azeitinho para alumiá-lo a Senhora e ao Pai Américo!» Faz moínhos de papel colorido, às vezes de carteiras de cigarros apanhados no chão, para vender a tostão aos miúdos. Disso e ajudas dos vizinhos é o seu sustento, que bem pouco é preciso para se ir arrastando.

A Tia Carlota não estava, mas logo apareceu. Muito contente com os vales que todos os meses lhe vêm dum senhor que se chama Morgado, mais das cartas que lhe escreve: «Os que muito sofrem cá na Terra e que nunca perderam a Fé, pedem ter a certeza abso-

# BARREDO

luta que serão devidamente recompensados, quando forem chamados a prestar contas ao Tribunal Divino», escreveu-lhe a consolá-la. Como é bela e cristã a esmola da palavra!

Quase ao fim da Travessa do Barredo, a seguir ao Snr. Vitorino, mora a Snr.<sup>a</sup> Amélia Moura. Hoje mal pode sair de casa. Por isso talvez a tem tão asseada. Em cima de uma mesa, um crucifixo grande condiz bem no ambiente, a que todavia não está presa. Os sofrimentos da vida têm-na espiritualizado muito. «A gente somos mais para viver no outro mundo, que neste», diz desconsolada com os seus males, mas com os olhos em Deus. Com ela uma nêtinha hidrocefala, ao mesmo tempo que lhe faz companhia, é ajudada e ajuda. Paga de Pobres.

Entretanto passa à porta

uma irmã, por quem logo pede. São oitenta e quatro anos em pé. «Feitos no dia dez de Camões» acrescenta ela. «E anda a fazer carretos à cabeça e vende loiça de caco pelas ruas». Se não visse não acreditava.

Fomos antes de sair do Barredo, a mais três viúvas. Uma paralítica e só que, sem poder falar dá gritos de alegria, sempre que nos vê. Outra cancerosa das pernas e, paredes meias, outra muito doente, que só tem uma filha, mãe de nove crianças. Não tem para dar aos filhos, quanto mais a ela. Todos pertinho uns dos outros, como perto do Coração de Cristo. Todos tão nossos e tão longe de nós. Tão mais para viver no outro mundo do que neste!

Padre José Maria

## CRÓNICA DE LISBOA

Na minha faina de suplente passei 15 dias na Capital. É a minha terra. Gosto dela. Mas nem por isso deixa de me atormentar. E nas veltas que a vida exige topa-se com uma segura e uma frieza (mesmo nestes dias de canícula!), que não pode deixar de chocar quem desce cá deste norte provinciano, onde cada um vive um bocadinho menos só para si e um nadinha mais prós outros. (Salvas as ain-

da numerosas e honrosas excepções, graças a Deus, nesta cidade de muitas e desvaídas gentes!)

O problema do Lar traz-nos preocupados. A casa da Rua dos Navegantes serve-nos muito mal e custa-nos os olhos da cara. Temos pensado e repensado. Não haverá uma alma boa, que se desprenda de uma casa e no-la dê, em local que não diste muito de Escola Técnica e Liceu e, se possível, também, não muito do centro onde são os empregos...! Mas a verdade é que há muito vamos suspirando este «não haver...» e estamos a ver que não há mesmo. É que fazer uma casa em Lisboa é impossível. Só se fosse no ar... que à terra ninguém lhe chega! E uma casa já feita pertence a alguém, não pode obter-se às migalhinhas. E como nós somos das migalhinhas... estamos a ver que não há mesmo a tal alma boa.

Por isso concluímos: Só há uma solução; comprar um andar e a renda já não será aquele «lozinhão certo a sangrar e a deixar-nos cada vez mais fracos; antes será uma sangria de efeito salutar, pois no fim dela a casa é nossa.

Muito bem pensámos nós — julgávamos! E achar um andar com dimensões para um Lar de 20 rapazes, mesmo acomodados em beliches?... Padre Luís e eu andámos uma tarde inteira de jornal na mão, cortando anúncios. Ou casas de bonecas, ou casas de vários assinalhados sim, porém num contexto de luxo que nos não veste bem.

E agora?... Será de desesperarmos da existência da tal alma boa...?

Um dia recebemos carta de alguém que se doí e se dá à causa dos Pobres. Trazia uma nota de

pagamento de imposto de justiça e legais acréscimos» que essa pessoa deveria liquidar em prazo fixado pelo Tribunal de Menores, no qual fora entregue um moço que essa pessoa encontrara ao abandono e por quem se interessara.

Como a lei diz que os pais ou tutores deverão pagar o dito imposto e no caso já não havia mãe e do pai não se sabe — o escrívão não esteve com meias medidas e notificou a pessoa.

«Por bem fazer, mal haver» — seria o caso... Mas não foi, porque no Tribunal reconheceram o erro e a injustiça de tal notificação.

Simplemente, depois de vários passos para esclarecer o erro, ainda a pessoa se não livrou de mais meia folha de papel selado e respectivo requerimento, para sanar o erro de que era vítima.

À a Burocracia, sempre tão tortinha, mesmo quando vem das bandas do Direito!

## Um Anúncio

É verdade! O Famoso não é jornal de anúncios, mas desta vez não vejo outra forma de acudir a um caso de pobreza digna, sujeita a resvalar na miséria se não se lhe responde com trabalho, que outra coisa não pede. É uma cerzideira de 56 anos, de nome Maria Pereira Mosinha, moradora na R. de Entre Quintas, 55, casa 9 — Porto.

Tendo partido uma perna há cerca de dois anos, só agora, embora ainda mancando, pode voltar ao seu trabalho. Dois anos, de invalidez, porém, foram suficientes para que toda a freguesia lhe fugisse. E agora, sem trabalho e sem ninguém, que há-de ser dela?

# Areias do Cavaco

Continuação da primeira página

das roupas Olímpia, Américo mais os alfaiates não têm mãos a medir a preparar o guarda roupa, que é fora de série. Já não falo nas dores de cabeça, na paciência, nas preocupações do nosso Américo, para que tudo saia afinado.

Dia 17 de Agosto em Benguela, no Cine Teatro Monu-

mental e dia 19 no Lobito, no Cine Imperium será o nosso encontro. Que ninguém falte!

Como em tempo anunciámos, deslocar-nos-emos ao Luso, Silva-Porto e outras terras ao longo da linha do C. F. B. Luso já respondeu. Silva-Porto também. E a Ganda? Foi das primeiras a dizer que nos queria lá.

Pessoa amiga, antes de ir gozar suas férias à Metrópole passou pela nossa Casa-Mãe e deixou um cheque de 5.000\$00 para ela andar mais depressa. Precisamos de tantos empurrões destes! Mais 1.500\$ de amigos certos. Mais 150\$ da Catumbela e outros 150\$ do mesmo sítio. E mais 100\$. Do Lobito 150\$ e duas latas de azeite e queijos para os nossos rapazes. Outros 500\$ num envelope. Uma nota de cem e mais outra e mais outra e promessa de enviar o mesmo todos os meses. 20\$ do Cubal para «uma pitada de farinha para os folares». Outra vez Catumbela com 100+50. De uma visita de Amigos 1.500\$. De alguém que muito nos quer 2.500\$. 2 sacos de batata do Cubal e 500\$ de uma mãe de família. Uma nota de cem, de visitantes e duas da mesma quantia, de pessoas amigas e mais 100+100. De assinaturas recebidas 650\$.

P.e Manuel António

## Cine Teatro Monumental

BENGUELA

17 de Agosto



# FACETAS DE UMA VIDA

Continuação do número anterior

Desde então os nossos contactos amiudaram-se. Encontrávamos-nos muitas vezes, conversávamos longamente, e passávamos a corresponder-nos com muita assiduidade. Possuo uma dezena de cartas e cartões do Padre Américo. Uns escritos à mão, outros à máquina, desde duas simples frases, a três folhas compactas de projectos e esperanças. Vieram do Gerez, de Coimbra, do Porto, de Lisboa, de Paço de Sousa, alguns escritos nos próprios Gabinetes Ministeriais, que ele frequentava assiduamente. Uma sua carta, datada de Coimbra aos 15 de Fevereiro de 1943, reza assim:

«Meu caro Amigo:

Espero que tenha falado de facto com o Exmo. Sr. Governador Civil, acerca da Casa do Gaiato do Porto. Eu devo seguir no rápido de 6.ª-feira para falarmos sobre o assunto. Apareça, sim? Em S. Bento, ou diz-me onde o devo procurar. Sei que falou com o Ministro e Subsecretário sobre o caso. Amigo certo, P. de Américo».

Escrevendo de través, do lado esquerdo da carta, acrescentava:

«Gostava também de falar com o Arquitecto. O nosso plano destoa absolutamente de tudo o que se tem feito no género».

De começo tive a grata oportunidade de solicitar algumas audiências a membros do Governo, mas Ministro vitado a primeira vez era mais uma porta que se lhe abria, e onde ele passava a entrar com aquele seu à-vontade tão natural e tão próprio, firme na convicção de continuar a cumprir altos designios da Providência.

Entre a primeira e a última carta que possui processou-se a realização da sua grande Obra. Quando se iniciaram as diligências para entrega ao Padre Américo da Quinta de Paço de Sousa, era Governador Civil do Porto, o bondoso Dr. António Augusto Pires de Lima. E, por coincidência, concerta única nos anais da história da nossa Cidade, tinham o mesmo nome de António Augusto as três primeiras autoridades do Distrito. O Sr. Bispo, D. António Augusto de Castro Meireles, o Governador Civil Dr. António Augusto Pires de Lima, e o Presidente da Câmara Dr. António Augusto Mendes Correia. Com todos privei e muitas atenções lhes ficou a dever a Casa do Gaiato das Ruas do Porto.

Apesar da boa vontade do Governador Civil e das pressões que sobre ele se exerciam, arrastou-se a realização do empreendimento e isto porque o Padre Américo só receberia a Quinta de Paço de Sousa, para lá instalar a nova Casa do Gaiato, livre de peias burocráticas que costumam envol-

ver as obras de assistência, mesmo que sejam de iniciativa particular. O Governador Civil, consciente da urgência em resolver o assunto, insistia por meu intermédio para que a Quinta fosse aceite nas condições normais, por parecer que outra solução, contrariando o estabelecido, seria inviável, e prometia toda a assistência e facilidades no futuro. O Padre Américo porém, era inflexível: arrecadaria as receitas, satisfaria as despesas e os compromissos assumidos, mas só ele seria o Administrador da sua Obra. Tal critério contrariava as disposições legais e parecia impossível de impor. Era difícil a minha tarefa: perdia-me entre os princípios legais; por um lado a querer convencer o Governador Civil de que o Padre Américo tinha razão, por outro a tentar convencer o bondoso sacerdote da impossibilidade das suas exigências. Chocavam-se as opiniões, mas o Padre Américo com toda a sua calma continuava firme e não cedia. Só a sua persistên-

Continuação da primeira página

mal, são objecta do nosso amor. Ele também deu o sangue por aqueles que o mataram. Nós queremos ser o pai que sangra e que se dá aos filhos, para que se alimentem e fortifiquem na Verdade e na Justiça. Na nossa comunidade, não queremos santinhos. Queremos homens de calor que o mundo tome como testemunhas do Cristo Homem, sem piçiguices nem desleixo de consciência. Nós queremos ser membros de Cristo, mas membros vivos, com sangue, e com Sangue d'Ele a alimentar o nosso.

## Cantinho dos Rapazes

Continuação da página UM

amor se paga». Amando, antes de mais, aquilo que o «bom Povo deste Litoral» também ama. E o que ama este bom Povo? Ama-nos. Ama-nos, não pelos lindos olhos de cada um de nós, mas enquanto constituímos um corpo que é a incarnação de um pensamento de Verdade e de Amor que Pai Américo concebeu de Deus. Temos consciência do corpo que formamos e sermos nele um órgão saudável, activo — eis o que é «merecermos este bem»; o que é correspondermos por igual «a esta força de vontade pela parte dos nossos benfeitores». E assim como o seu amor por nós, os não deixa cansar — também o no seu amor pelo corpo que forma-

cia posta à prova durante os anos que levou a construir, pedra a pedra, a Aldeia do Gaiato, pôde resolver a seu completo contento este problema. Finalmente, em 25 de Fevereiro de 1943, o Padre Américo anuncia:

«Tenho boas notícias de Lisboa e espero tomar posse dentro de breves dias. Esse grande entusiasmo pela obra, que já não é minha por ser do Porto, procede da grandeza da Miséria Infantil e da bondade dos vossos corações; nada mais».

E, numa carta, de Lisboa, aos 24 de Março do mesmo ano, o Padre Américo, homem de Fé, continua:

«Como vê «os montes carinhosam à nossa frente», que esta é a força dos obreiros do Evangelho. Pois que caminha assim a entrega, digo a posse, que espero há-de ser na próxima 4.ª-feira. Até lá. P. de Américo».

No dia seguinte, já de Coimbra, voltava a escrever:

«Na próxima 3.ª-feira vou falar com o nosso Arquitecto e espero ver muita coisa em marcha e subirei ao G. Civil. Eu não acredito que não seja dada a posse naquela tarde e que no dia seguinte, não siga para P. Sousa tomar conta por inventário. Não acredito. Amigo certo, P. de Américo».

# Setúbal

Crisanto. Está a servir a Pátria. Está na Escola de Oficiais em Mafra. É nosso desde pequenino. Todo o amor que tem veio do nosso viver. Ele sabe que somos dele e que é nosso. Por isso vem pra casa sempre que apanha licença. Nós vemos nele uma pedra suporte dos irmãos que estão ou que hão-de vir.

# PRESENÇAS

Três, entre muitas outras, muito amigas, que aqui chegaram dia 16, como em todos os dias marcados na Obra da Rua.

Elas são um eco da participação da Família de fora nos acontecimentos da Família de dentro.

x x x

«Pai Américo:

Senti pena de não estar presente em toda a tua festa, mas senti a tua mão quentinha (como outrora naquele beijo sincero que te dava), ao comungar em tua honra neste dia».

«É-me impossível passar este dia tão GRANDE e tão cheio de lembranças e de significado para a Obra, sem dizer qualquer coisa. Foi há 10 anos. Estava eu no Tojal, «só» por acidente. Estava para partir para Itália. V. tinha ido para o Porto no sábado precedente apenas soube a notícia do desastre. P. e Baptista encon-

trava-se em retiro nos Olivais. Estava eu.

Por volta das 7 horas da manhã veio um telefonema que eu fui atender, chamado pelo Páscoa, (tendo eu metade da barba feita e metade por fazer). Telefonei logo, com dificuldade, a P. e Baptista. Estava também a Sra. D. Maria Canavarro. Lembrei-me que os amigos da Obra, ou melhor os participantes da Obra, ficariam desgostosos se não fossem informados a tempo do sucedido e então lembrei-me de telefonar para a Emissora Nacional e para a Rádio Renascença. Ouvimos com imensa mágoa e comoção e não sem lágrimas ambas as notícias. Neste meio tempo tinha chegado P. e Baptista que nos deu a consolação da sua presença e da sua Missa de réquiem.

P. e Baptista ofereceu-me um lugar para ir aos funerais. Renunciei a favor dos Gaiatos, porque «eram eles os filhos». Também notei que P. e Baptista gostou da minha renúncia para ficar alguém a olhar pela Casa. Senti-me intimamente satisfeito por ser prestável à Obra.

Poderia continuar estas recordações, mas é supérfluo. Hoje tenho-as cada vez mais presentes e creio que não foi por mero acaso que o Senhor me fez viver com a Obra e na Obra aquele dia, ou antes, este dia, à distância de dez anos ainda tão presente, e mais que nunca presente».

«Quisera ter escrito ontem. Nossa Senhora do Carmo, 10 anos da partida do Santo Padre Américo para o Céu.

Não pude. Mas «falei-lhe» como poderoso intercessor «lá em cima». Talvez com mais simplicidade do que poucos dias depois da abertura da Casa do Tojal. E nesse dia foi durante algumas horas! Bendito o Senhor Deus de Israel!».

Virado pela

Comissão de Censura

Ernesto Pinto



# PELAS CASAS DO GAIATO

## MIRANDA DO CORVO

\* **EXAMES** — Os nossos rapazes da quarta classe fizeram o exame e ficaram todos bem.

\* **PRIMA** — Está o primeiro grupo acampado na Praia de Mira.

No primeiro dia fomos alguns para arranjarmos o acampamento, montámos as barracas, sendo a primeira a da cozinha.

No dia seguinte vieram mais alguns para passar o seu tempo que lhes compete passar e nós cá estamos à espera que eles venham pois estamos mortinhos para irmos nós.

Carriça, Satélite

## Paço de Sousa

\* **16 DE JULHO** — Dez anos passaram sobre a morte de Pai Américo. Foi dia de festa em nossas Casas. Não é mais um dia triste para nós. Este dia é festejado com alegria. Assim como Pai Américo nos quer ver risinhos e saltitantes, nós assim o fizemos à vontade dele.

A maior parte dos nossos rapazes já não o conheceram pessoalmente e a nossa vontade é que todos o conheçam mesmo depois de já ter desaparecido da vida terrena. Assim traçou-se um programa diferente dos anos idos.

Começámos o dia, como não podia deixar de ser, em volta do Altar, pe-

dindo a Pai Américo que, agora mais perto de Deus, olhasse pelos filhos que deixou na terra mendigando a graça que dele transbordava.

Após a Santa Missa e depois de tomarmos o pequeno almoço, fizemos excursão a Galegos, onde Pai Américo nasceu. Visitámos os recantos da sua infância, a casa, a cama e a Igreja onde foi baptizado.

O almoço já foi preparado de casa e lá foi só comer. Comeu-se à grande porque também era um dia grande.

Não esquecendo que naquele dia efectuava-se o encontro de futebol entre Portugal e Bulgária, levámos também o televisor para assistirmos ao jogo, mas enfiámos um grande barrete. A energia era tão fraca que o pobre do aparelho não se aguentava. Assim a grande velocidade viámos para casa e foi se quisermos ver o encontro.

Ao fim do dia, fomos ao salão de festas ouvir uma gravação de Pai Américo para que os que não conhecessem a sua voz, ficassem com ela gravada dentro de si. O Júlio também disse uma palavra. Foi ele, dos que ainda estão entre nós, quem mais conviveu com Pai Américo. Narrou-nos certos episódios passados entre os dois e deu-nos mais uma prova da paternidade de Pai Américo. Assim vivemos um dia de festa na Casa do Gaiato. Pai Américo lá do Céu devia ter ficado contente pela maneira simples e cristã como festejámos o seu dia, o seu grande dia.

\* Acabara o nosso terço. O Sr. Padre Carlos chama o réu.

— Júlio.

— Senhor.

O Júlio é um garoto de 13 anos da nossa cidade do Porto. Tem cá mais dois irmãos; um mais velho e o outro mais novo. O Júlio agora responde em frente de todos.

— Então que tal te vais dando com os cigarros?

— Fêz-se silêncio. Entretanto o Sr. Padre Carlos aproxima-se do Sr. João Manco, já conhecido nosso e pergunta-lhe baixinho: «Tem aí cigarros?»

O Ti João já não ouve muito bem e o Sr. Padre Carlos repetiu a pergunta. Depois o Ti João deu os cigarros dele, marca Kentucky. E o diálogo continuou:

— Então quem te deu os cigarros?

— Comprei-os.

— Onde.

— Na loja.

— Quando?

— No domingo.

— Qual?

— No que passou antes deste.

— Quem te deu o dinheiro?

— Foram uns senhores.

— Quando?

— Num domingo que andei a mostrar casas.

— Tu ainda és cicerone?

— Não sei bem. Agora puseram-me nos tachos?

— Então há alguma relação entre os tachos e cicerones? (O Sr. Padre Carlos que estava a levar as coisas em estilo de brincadeira, acrescentou: Tem tem, é que os cicerones dão tacho).

— Quantas vezes já te apunharam cigarros?

— Eu quero-me emendar.

— Está bem. Qual é a tua marca preferida?

O Júlio acanhado que estava, não respondeu.

— Qual foi a marca dos cigarros que compraste?

— Foi Paris.

— Ora agora vais fumar um cigarro do Ti João Manco.

E meteulhe o cigarro na boca que depois acendeu. E eis-lo, o Júlio a fazer uma demonstração à malta como se fumava. O Ti João que entretanto estava no meio de nós, lamentava-se

de ficar sem cigarros para aquela noite, porque o Sr. Padre Carlos queria que o Júlio fumasse os cigarros todos naquela noite, e no dia seguinte restituía um maço novo. Entretanto perguntou ao Ti João se gostava de Paris. Este como não estava ao par da conversa pela sua má audição, disse que não, porque eram muito caros e por conseguinte não gostava.

Quando o Sr. Padre Carlos foi para o meio do recinto ter com o réu, que se encontrava devorando os cigarros fortes, a malta explicou ao Ti João porque é que lhe perguntaram se gostava de Paris. Então o nosso homem, com a graça do costume, gritou para o Sr. Padre Carlos que afinal já gostava de Paris.

Este, em estilo de piada, perguntou-lhe se já alguma vez tinha ido a Paris, para gostar de Paris. O Ti João riu com vontade e nós rimos todos, enquanto que o Júlio não estava a gostar muito da brincadeira.

Como já era tarde, fomos para a cama e o Júlio ficou no mesmo local, fumando o resto dos cigarros, enquanto o Sr. Padre Carlos lia o Breviário.

João da Rocha

## BELÉM

\* **PINTOS** — Agora, enquanto são pequeninos, são todos pretinhos, com manchas amarelas. Esta ninhada foi também a Avózinha que a deu. Os pintainhos da primeira ninhada já estão muito crescidos. Quando eram mais pequenos, comiam arroz. Agora que já estão maiores, comem enteio e couves escaldadas com farelo. Os pintainhos mais pequenos comem arroz e também já comem couves, mas têm de ser partidas muito miudinhas. Quem trata dos pequeninos são as cozinheiras.

Esta segunda ninhada de pintainhos, foi de 12.

Também tivemos uma galinha a chocar ovos de pato, mas só nasceram três, porque não cuidaram dela como devia ser.

JINHA

\* **AS CAVALHADAS** — No dia 24 de Junho, foi o dia de S. João. Em Vildemoinhos por esta altura, costumam fazer carros muito lindos e todos enfeitados. Logo de manhã pelas 9 horas saíram as Cavalhadas. À frente foram uns bonecos cabeçudos, uns pequenos e outros grandes, que quase davam ao tecto de algumas casas. Em seguida foram os cavalos, depois os músicos e por fim os carros. Alguns levavam meninas, outros animais e um levava as quinas de Portugal e dizia: Viva a cidade de Viseu.

Nós vimos-os da varanda e foram todos muito bonitos.

SAOZITA

## BENGUELA

Amigos leitores, aqui está mais uma vez presente a voz de Benguela, Lobito, Catumbela e redondezas a saudar-vos com muita amizade.

Bem, vamos ao que importa, para vos desenrolar as notícias que se passam na nossa Casa.

\* **OBRAS** — Amigos, porque não vindes ver estas obras maravilhosas que se estão a construir no Cavaco, para assim poderdes ajudar a levantar mais depressa esta obra e um dia mais tarde, quando a virdeis pronta, poderdes dizer que a nossa cidade tem uma Aldeia para bem do rapaz abandonado de Angola? Lá estará o Senhor para vos dar a recompença pelo bem que fizestes por nós. Eu se estou quase um homem e cozinheiro, foi porque enquanto era criança me deitaram a mão, senão que seria eu mais os meus colegas? Por isso devo o meu amor todo à Casa do Gaiato, pelo menos à de Paço de Sousa que foi o meu berço, desde os três anos até aos dezoito. E agora estou aqui em Benguela, mas trago sempre comigo no coração a Casa de Paço de Sousa.

\* **EXAMES** — Graças a Deus este ano não foi mau: só um é que reprovou mas para o ano ficará bem com mais força de vontade. Este que reprovou era estudante de dia; os de noite ficaram bem graças ao sacrifício e à boa vontade deles e Deus queira que para o ano estes colegas tenham a mesma vontade que tiveram este ano.

\* **FESTAS** — Há dias fui ao Lobito mais o Sr. Padre Manuel fazer uns tecados, e o que o levava lá era fazer o pedido da sala do Cine Imperium para a nossa festa anual, no que o nosso Padre Manuel foi atendido com muita simpatia, porque o Sr. Padre assim que chegou à carruagem disse-me logo: «Aqui no Lobito já está marcada e será no dia 19 de Agosto». Sim, eu também fiquei contente, porque, quando um pai desabafa uma alegria, essa mesma alegria põe os filhos mais bem dispostos, porque sabem que o seu pai está feliz. Bem, eu deixo já aqui o meu bem-hajam aos Senhores do Cine Imperium e até ao dia 19 de Agosto se Deus quiser.

\* **FUTEBOL** — No dia 10 deste mês, tivemos em Casa um encontro de futebol entre a rapaziada, que constava de um Benfica-Sporting. Os lagartos andavam com muitas peneira e para castigo só apunharam 6-1, espero que lhes sirva de lição, porque já é a segunda derrota. Pois meus amigos, convençam-se que não há pai para os benfiquistas.

Amigos leitores, espero que esta crónica esteja do vosso agrado; despeço-me, deixando um abraço desta rapaziada de Benguela, e até à volta se Deus quiser.

Arnlino Jos

# Aqui, LISBOA

COM o Jorge, de 4 anos, chegou até nós o Luisito, acabado de perfazer duas primaveras e mal balbuciando as primeiras palavras. Dá gosto ver o carinho e a amizade com que é tratado pelos irmãos mais velhos, como se o conhecessem desde a sua vinda ao mundo e o próprio sangue lhes corresse nas veias. Sem dúvida que temos grande satisfação em apontar o facto, motivo de consolação no meio das preocupações e ansiedades do dia a dia. Agrada-nos, sobremaneira, o constatar da capacidade de amar naqueles que, tantas vezes, são vítimas da falta de amor dos homens, quando não o são da ausência de justiça. Não raro, ao darmos conta das carências

ao nosso pequeno Luís, entramos em meditação e sentimos um deleite interior próprio dos pais de família que se revêem nos filhos e se deixam invadir de um ar de manifesta felicidade ao contemplar os seus. Deus seja louvado.

CERCA de 30 Rapazes dos mais pequenos encontram-se na casa da Ericeira, junto ao mar. O raquitismo congénito ou adquirido e as eserófulas, para lá de outros factores, justificam a permanência de duas ou três semanas na praia, para receber o iodo do mar, mergulhar nas ondas salgadas e receber

os raios do sol. Gostaríamos que este tempo fosse aproveitado por todos, não só pelos benefícios de ordem física mas também para repouso e descontração do espírito. Dizemos isto por constarmos a miúdo que nem sempre por estas normas se regem os homens, que têm nas férias os momentos de maior dissipação do corpo e da alma, quando não é pior, para desgraça deles e dos outros. E os maus exemplos são fáceis de seguir...

ALGUÉM, que se diz de «precária saúde visual», pede a outrém que nos escreva e dá a presença ao nosso apelo com duas carteiras para as novas escolas. Há a visão da alma, além do sentido da vista. Mal dos homens que vendo não conseguem enxergar e bem-aventurados aqueles que de «precária saúde visual» têm os olhos da alma bem abertos e atentos para acorrer às necessidades dos seus irmãos.

Padre Luiz



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

## CINE IMPERIUM

LOBITO

19 de Agosto